

CU É LINDO – O PALAVRÃO COMO RECURSO DO EROTISMO NA LÍRICA CONTEMPORÂNEA BRASILEIRA ³⁵

Osmar Casagrande Júnior (PG - UFMS)

Resumo

Este artigo objetiva apresentar um trabalho sobre o uso do palavrão como recurso do erotismo em antologias contemporâneas de poemas brasileiros. A pesquisa será desenvolvida de modo a analisar de que maneira(s) a linguagem obscena contribui para a construção do significado erótico na produção poética selecionada pelos organizadores dessas obras.

Palavras-chave: *erotismo; poesia; palavrão.*

Abstract

This article presents a study about the use of swearword as a mean of eroticism in contemporary anthologies of poetry in Brazil. The research will be developed to study the way (s) that foul language contributes to the construction of erotic meaning in these works.

Keywords: *eroticism; poetry; swearword.*

1. INTRODUÇÃO

Objeto de amor

De tal ordem é e tão precioso
o que devo dizer-lhes
que não posso guardá-lo
sem que me oprima a sensação de um roubo:
cu é lindo!

Fazei o que puderdes com esta dádiva.
Quanto a mim dou graças
pelo que agora sei
e, mais que perdôo, eu amo.

(PRADO, 2001, p. 32)

“Cu é lindo!”. A descoberta louvável que o eu-lírico compartilha conosco em tom de confissão salienta o emprego do palavrão como recurso para construção do significado erótico na poesia. Seguimos seu excitante conselho: fazer o que pudermos com essa dádiva.

O palavrão pode ser empregado com diversos sentidos: dentre outros, como injúria pura e simples, como elemento de humor escatológico ou apenas como interjeição; por vezes tem sua carga de agressividade diminuída ou até anulada e não necessariamente evoca o sentido original dos termos (cf. PRETI, 1984), chegando a ser somente expressivo e não comunicativo (cf. BENVENISTE, 1974). Nosso estudo analisa como esses termos, através dos seus variados empregos, produzem o significado erótico em poemas selecionados pelas

³⁵ Este artigo é a primeira versão do projeto a ser realizado para a conclusão do Programa de Pós-Graduação: Mestrado em Estudos de Linguagens, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

seguintes antologias: *Os cem melhores poemas brasileiros do século*, organizada por Ítalo Moriconi; *Antologia pornográfica*, organizada por Alexei Bueno; *M(ai)S – Antologia sado-masoquista da literatura brasileira*, organizada por Antonio Vicente Seraphim Pietroforte e Glauco Mattoso. Tal obscenidade é manifestada ao se nomear os órgãos e práticas sexuais e na deflagração do xingamento, compondo os versos dialogais entre o eu-lírico, seus parceiros sexuais e o próprio leitor, de forma a produzir uma poética tensa, carregada de um erotismo agressivo, comedidamente (às vezes não) violento:

Araras versáteis. Prato de anêmonas.
O efebo passou entre as meninas trêfegas.
O rombudo bastão luzia na mornura das calças e do dia.
Ela abriu as coxas de esmalte, louça e umedecida laca
E vergastou a cona com minúsculo açoite.
[...]

(HILST, 2009, revista eletrônica Germina, s.p.)

com a minha espada
te arranco lágrima
desse teu fundo
tão nu e cru
varo o aro
furo-te
oh! o
olho
do
cu
do
olho
oh! o
furo-te
varo o aro
tão nu e cru
desse teu fundo
te arranco lágrima
com a minha espada

(TÁPIA, 2008, p. 115)

Chupando, ajoelhada, a grossa rola
do gordo, O julga ser do mesmo cara
que há tempo, no castelo, a chibatara
até, fraca, aceitar na boca pô-la.

No traço de Crepax, a fêmea tola
e dócil foi treinada a levar vara
na frente e atrás, cumprindo a regra clara
que a torna mais escrava que crioula.
[...]

(MATTOSO, 2008, p. 58)

Nesses versos já percebemos uso do palavrão não como um mero elemento da linguagem coloquial na poesia, mas com a intencionalidade de seduzir, às vezes como um ato de conotação violenta de interação erótica, já que “dentro do pensamento de Bataille [...] o erotismo implica um princípio de violência e de violação mais ou menos declaradas” (PAES, 2006, p. 18). Nosso objetivo, então, é estudar de que maneira a utilização das ditas palavras de

“baixo calção” concorrem para a construção do elemento erótico na poesia, definindo, pois, o palavrão e o erotismo como os temas de nossa análise.

Para o sociolinguista Dino Preti, as regras da “boa sociedade” proíbem o uso de termos explícitos com referência aos fenômenos fisiológicos e sexuais, criando a barreira do eufemismo e das reticências em substituição desses “termos-tabus” (cf. 1984). O uso do palavrão consiste, portanto, na *transgressão* de um *interdito* social no plano linguístico, remetendo-nos ao ensaio *O erotismo*, de Georges Bataille (1987), sobre a qual José Paulo Paes (2006) faz uma introdução esquemática:

O prazer encontra seu maior estímulo não na liberdade de perseguir até onde quiser os seus objetivos, mas no constante interdito de fazê-lo, o 'interdito criador do desejo' em que Bataille vê a própria 'essência do erotismo'. [...] mas o interdito sempre andou de mãos dadas com o seu oposto, a transgressão, a qual, numa incoerência apenas aparente, serve exatamente para lembrá-lo e reforçá-lo: só pode se transgredir o que se reconheça proibido. Esse jogo dialético entre a consciência do interdito e o empenho de transgredi-lo configura a mecânica do prazer erótico, cujos caminhos são tão variados, indo desde as insinuações da seminudez até o **desbragamento do nome sujo** (PAES, 2006, p. 17, grifos nossos).

Iniciaremos por algumas considerações do sociolinguista Dino Preti, para em seguida abordarmos os conceitos dos psicanalistas Arango e Stoller, valendo-nos, inclusive, das observações da professora Valeska Zanello sobre os dois últimos, que nos remeterão às reflexões de Georges Bataille sobre transgressão e violência, cerne de nosso trabalho, com adendos ao discurso sadomasoquista. Para D. H. Lawrence, “a indecência pode ser saudável”³⁶ (*apud* PAES, 2006). O psicanalista Arango (1991) afirma que obscenidade é uma terapia, assim como para o próprio Bataille “os nomes sujos do amor não deixam de ser menos associados, de uma forma estreita e irremediável para nós, a essa vida secreta que levamos ao lado dos sentimentos mais elevados” (1987, p. 129). A poesia obscena representa uma forma de escape à sociedade da “moral e dos bons costumes”, à sociedade da vigilância hierárquica, que inflige sanções normalizadoras, de que nos fala Foucault (cf. 2004) em *Vigiar e punir*? Nesse contexto, cabe a nós descobrir o papel dos palavrões na construção do erotismo na poesia.

2. CU É LINDO

O uso do palavrão na poesia erótica ocupa espaço relevante na lírica brasileira contemporânea, fato notável pela produção presente nas antologias do gênero e no espaço dedicado a elas nas revistas literárias especializadas. É o caso da *Antologia M(ai)S Sadomasoquista da literatura brasileira*, organizada por Antonio Vicente Seraphim

³⁶ Título do poema de D.H. Lawrence, traduzido por José Paulo Paes.

Pietroforte e Glauco Mattoso e das revistas literárias eletrônicas *Zunai*, organizada por Claudio Daniel e a *Germina*, da jornalista Marília Kubota, que conta com a colaboração, dentre outros, de Affonso Romano de Sant'Anna, Claudio Daniel e Rodrigo de Souza Leão, nomes de projeção na literatura brasileira, como poetas e ensaístas. Salientamos que a *Germina* possui uma seção exclusiva denominada: *Eróticos e pornográficos*. Essas produções contemplam autores já consagrados, como Adélia Prado (nossa epígrafe), Glauco Mattoso, Hilda Hilst e outros menos conhecidos, alguns novíssimos, como Victorio Verdan, Márcia Maia e Mário César.

O palavrão e o seu desdobramento na fala, o xingamento, são tradicionalmente ligados à vileza, à injúria pura e simples. Utilizá-lo para fins eróticos, mais ainda, na literatura erótica, com intuítos estéticos e artísticos, representa uma atitude arrojada de nossos autores contemporâneos. Mas eles não estão sós, são fruto de uma tradição que acompanha a literatura desde os seus primórdios, como os poetas da *Antologia palatina* (da antiguidade helênica), os romanos Catulo e Marcial e os *Poetas-santos de Xiva*, traduzidos por Décio Pignatari em antologia pessoal, passando por Aretino na Renascença, chegando às vanguardas modernistas com Apollinaire. Na literatura brasileira contamos com Gregório de Matos, Bernardo Guimarães e até Manuel Bandeira, com o poema *A cópula*. Vejamos essas estrofes:

Você me pega, mulher, como um garoto,
Vira fera, vocífera: “Por acaso,
não tenho cu?” [...]

(MARCIAL, 1997, p. 66)

Para provar tão célebre caralho,
Que me derruba as orlas já da cona,
Quisera transformar-me toda em cona,
Mas queria que fosses só caralho.

(ARETINO, 2006, p. 73)

Depois de lhe beijar meticulosamente
o cu, que é uma pimenta, a boceta, que é um doce,
o moço exhibe à moça a bagagem que trouxe:
culhões e membro, um membro enorme e turgescendo.

(BANDEIRA, 2004, p. 229)

Essa tradição ocupa lugar de destaque na literatura brasileira contemporânea através do próspero resgate, compilação e tradução dos textos, como nas antologias *31 poetas e 214 poemas*, de Décio Pignatari, *Poesia erótica em tradução*, de José Paulo Paes, ambas publicadas pela *Companhia das letras*, e na *Antologia Pornográfica*, de Alexei Bueno, Editora Nova Fronteira. Além disso, teóricos de diversas áreas do conhecimento possuem trabalhos relevantes sobre o tema, como o sociolinguista Dino Preti, os psicanalistas Arango e Stoller e o ensaísta Georges Bataille, com seu ensaio clássico: *O erotismo*. Dessa maneira,

propomos um trabalho a fim de analisar esse fenômeno deleitável de nossa produção poética atual.

Vejamos as acepções do dicionário eletrônico *Aurélio* (2005) para as seguintes palavras: palavrão: “1. palavra obscena ou grosseira”; obsceno: “1. que fere o pudor, impuro, desonesto”; xingar: “1. dirigir insultos ou palavras afrontosas a; descompor, injuriar, insultar, destratar”. Pela limitada ajuda que nos oferece o dicionário, recorreremos a Arango:

São obscenos [os palavrões] porque nomeiam sem hipocrisia, eufemismo ou pudor, o que nunca deve ser mostrado em público: a sexualidade luxuriosa e autêntica. Além disso, essas palavras possuem, muitas vezes, um poder alucinatório. Provocam a representação do órgão ou da cena sexual da forma mais clara e fiel. Suscitam, também, fortes sentimentos libidinosos. (1991, p.14)

Arango segue explicando a provável etimologia da palavra, proposta por Freud: o que deve ficar fora de cena, coberto por uma cortina de pressões sociais que derivam de um preconceito de purismo e pesam sobre a conceituação de um vocabulário de “boa” qualidade. Conforme Guilbert:

Elas decorrem de certas regras de 'savoir vivre, aquelas da 'boa sociedade', que proibem o uso de termos crus, com referências às realidades fisiológicas e sexuais. Cria-se a barreira do eufemismo ou das reticências para evitar o emprego desses termos-tabus. Às expressões do 'savoir vivre' juntam-se os imperativos estéticos a propósito dos quais se fundamenta a suspeita contra as palavras científicas de uma morfologia e fonologia julgadas repulsivas. (*apud* PRETI, 1987, p. 61)

Bataille, em *O erotismo*, discorre que “essas palavras são interditos, pois geralmente é proibido nomear esses órgãos [os genitais]” (1987, p. 127). Como já nos referimos na introdução, o interdito é o elemento essencial do erotismo, pois provoca o desejo de transgredi-lo. Buscamos, pois, analisar essa transgressão na poesia. O autor segue afirmando que a linguagem suja surge do “mundo degradado” (BATAILLE, p. 129), da “baixa prostituição e criminalidade” (BATAILLE, p. 129), onde exprime tão somente o ódio, mas que “dá aos amantes do mundo honesto um sentimento próximo àquele que antigamente deram a transgressão e, depois, a profanação” (BATAILLE, p. 130). Assim, é preciso haver contraste: para quem participa cotidianamente da vida da baixa prostituição, os palavrões são insípidos, mas “apresentam àqueles que se conservam puros, a possibilidade de um desnível vertiginoso” (BATAILLE, p. 227). Aprendemos na escola nomes científicos para os órgãos e atividades sexuais, com a própria professora utilizando as reticências em suas aulas. Os amantes inventam outros nomes, os “apelidinhos carinhosos”, que são fruto da infantilidade e do pudor, sendo pouco duráveis, findando inevitavelmente no disfemismo dos palavrões (cf. BATAILLE, 1987), já que gozam da privacidade da relação, onde verificamos “a incidência

constante da maior parte dos xingamentos sexuais, considerados ofensivos na esfera pública, possuindo agora um caráter erótico, excitante, na esfera privada” (ZANELLO, 1998, p. 4).

O crescente processo desmistificador do sexo vem alargando o uso da linguagem obscena, e não necessariamente associamos a palavra ao seu referente, chegando a perder a conotação injuriosa quando se pretende forçar uma certa intimidade com o leitor (cf. PRETI, 1984). Se em um relacionamento heterossexual muito íntimo o homem ou a mulher usa o termo *puta* (ou *putinha*, com o diminutivo de carga semântica), não está se referindo necessariamente a “meretriz: mulher que pratica o ato sexual por dinheiro” (HOLANDA, 2005), mas está associando alguns traços semânticos inerentes à palavra: libertinagem, desinibição, submissão, experiência sexual. Há uma moderação da violência. Segundo Bataille, tal comedimento da agressividade é essencial para a dinâmica erótica, de forma que a transgressão, não menos que o interdito, tem suas próprias regras:

muitas vezes a transgressão do interesse não está menos sujeita a regras que o interdito. Não se trata de liberdade: em *certo momento e bem nesse momento, isto é possível*, tal é o sentido da transgressão [...] a preocupação com uma regra é às vezes maior na transgressão: pois é mais difícil limitar um tumulto uma vez começado. (BATAILLE, 1987, p. 61, grifos do autor).

É o que se observa no título do poema *Putá, por um segundo*, de Mario Cezar (revista eletrônica *Germina*, s.p.) ou nos versos de Márcia Maia: “de ti puta e senhora uma vez mais/ mais uma vez de novo e sempre” (revista eletrônica *Germina*, s.p.). Porém, há um paradoxo: a violência é necessária, mas deve ser moderada, mas nem sempre deve ser moderada, já que “excepcionalmente a transgressão ilimitada é concebível” (BATAILLE, 1987, p. 61), quando os palavrões são usados com o intuito mesmo de humilhar, como no *Soneto do Nhonhô*, de Victório Verdán:

Amá-la eu não posso mais, irei fodê-la
Pois e de tal modo, que, a maltratá-la,
Ela há de se sentir uma cadela,
Uma preta fodida de senzala.

Hei de quebrar-lhe os dentes, açoítá-la,
Metê-la em meu palácio n'uma cela.
Putá de Exú³⁷, minha fiel vassala;
Toda mulher é puta, enquanto bela.

[...]

(VERDAN, 2008, p. 145)

Na obra *Excitação sexual – dinâmica da vida erótica*, Stoller afirma: “sadomasoquismo, penso eu, é um aspecto central em quase toda excitação sexual. Minha idéia é que o desejo de ferir outros em represália por ter sido ferido é essencial sempre para a

³⁷ “Exú”, com acento, reproduz o original.

maioria das pessoas” (1981, p. 138). Zanello observa, a respeito de obra posterior de Stoller (1984), que a humilhação é essencial no roteiro do erotismo humano, seja praticado, seja fantasiado, sob pena da excitação sexual não ocorrer (cf. 2008). A esse respeito, Pietroforte comenta que o termo remete ao nome dos escritores Sade e Masoch, mas que foram cunhados “à revelia do primeiro, e a contragosto do último” (2008, p. 14), já que *sadismo* só surgiu 72 anos após a morte de Sade e o próprio Masoch protestou contra a associação do nome da família a patologias médicas. O autor se aprofunda no tema, comentando a respeito do discurso, da ética e da estética sadomasoquista (cf. 2008), mas, neste artigo, abordamos a respeito do *consentimento* (Masoch) e do *não-consentimento* (Sade) em sofrer a violência sexual, que na poesia do gênero aparece desprovida de moralismos, a exemplo destes versos: “Madalena arrependeu-se/ do próprio arrependimento/ pagou um boquete em Jesus/ quase pendurada na cruz” (CARDOSO, 2009, revista eletrônica Germina, s.p.), altamente ofensivos para o leitor cristão (ainda que não seja religioso), podem ter caráter erótico pela sua própria violência, a qual não é só física (a crucificação), mas também violenta as possíveis crenças do leitor, assim o já citado *Soneto do Nhonhô*, que aborda temas como escravidão, racismo e violência contra a mulher. Estamos exatamente na esteira sadomasoquista, afinal, de acordo com Maurice Blanchot (1949), para Sade “a maior dor dos outros conta sempre menos que o meu prazer” (*apud* BATAILE, 1987, p. 158).

Bataille comenta que no mundo do trabalho (contemporâneo), o mundo da razão, o homem sofre uma grande perda de sua “exuberância sexual”:

É preciso, hoje, que cada um de nós preste conta de seus atos, obedeça em todas as coisas às leis da razão. O passado ainda não morreu de todo, mas só a escória, devido à sua violência dissimulada, escapa ao controle, conserva o excesso de energia que o trabalho não absorve. (1987, p. 155)

Para o autor, as manifestações do erotismo em geral possuem um caráter maldito, pois levam a um “despertar silencioso” (BATAILLE, p. 235) em relação à sociedade do controle social de nossos atos, que tão bem nos esclarece Foucault no seu *Vigiar e punir*: um mundo que se estrutura de forma semelhante ao acampamento de guerra a fim de manter uma vigilância hierárquica sobre os presentes (cf. 2004). Os palavrões não podem ser ditos numa conversa respeitosa, nem impunemente ser reproduzidos pela mídia, nem proferidos por um professor na escola, pois o Códico Penal vigia e a norma paira. (cf. ARANGO, 1991). No ambiente privado, porém, gozamos ao menos de uma barreira física à vigilância, onde podemos transgredir, ainda que de forma fantasiosa, as leis da razão. Assim, essa poesia

chega a possuir, na sociedade que preza pela economia libidinal a favor da melhor exploração do trabalho (cf. ZANELLO, 2008) um caráter de confrontação política.

A literatura possui um histórico antigo de censura: *Madame Bovary* é um exemplo clássico, que hoje compõe os currículos escolares. A revista *Germina*, a fim de evitar maiores problemas, avisa, sobre a sua seção *Eróticos e pornográficos*: “esta parte do site contém material considerado não recomendável para menores de 18 anos [...] ainda que sejam belas expressões de pura arte”³⁸. O palavrão ainda é um tabu, assim como o erotismo em geral, numa sociedade onde a liberdade sexual é apenas aparente, pois “o erotismo será sempre um tema de difícil abordagem [...] definido pelo secreto – ele não pode ser público” (BATAILLE, 1984, p. 234). Dessa maneira, a poesia obscena proporciona uma transgressão do cotidiano do trabalho, da hierarquia, da prestação de contas. Se a linguagem poética põe a própria linguagem em questão e o erotismo é “na consciência do homem aquilo que põe nele o seu ser em questão” (BATAILLE, p. 27), “sendo ele talvez a nossa emoção mais intensa, na medida em que nossa existência se apresenta sob a forma de linguagem (de discurso)” (BATAILLE, p. 234, grifos do autor), não poderíamos deixar de dedicar um estudo prazeroso sobre o tema.

REFERÊNCIAS:

- ARANGO, A.C. *Os palavrões – virtudes terapêuticas da obscenidade*. Trad. Jasper Lopes Bastos. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- ARETINO, P. Décimo primeiro soneto luxurioso. In: PAES, J.P. (Org. e trad.). *Poesia erótica em tradução*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- BANDEIRA, M. A cópula. In: BUENO, A. (Org.). *Antologia pornográfica – de Gregório de Mattos a Glauco Mattoso*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.
- BATAILLE, G. *O erotismo*. 2. ed. Trad. Antonio Carlos Viana. Porto Alegre: L&PM, 1987.
- CARDOSO, C. Terceiro testamento. In: KUBOTA, M. (Ed.). *Germina – literatura e arte*, 2009. Revista eletrônica. Disponível em: <http://www.germinaliteratura.com.br/2009/erot_jun09_cesarcardoso.htm>. Acesso em: 10 set. 2009.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e punir*. 29. ed. Trad. Raquel Ramallete. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.
- HILST, H. Araras versáteis. Disponível em: KUBOTA, M. (Ed.). *Germina – literatura e arte*, 2009. Revista eletrônica. http://www.germinaliteratura.com.br/erot_abrhh.htm>. Acesso em: 10 set. 2009.
- HOLANDA, A. B. *Dicionário Aurélio – versão eletrônica*. São Paulo: Positivo, 2005. CD-ROM.

³⁸ Nota de advertência à seção Eróticos e pornográficos, da revista eletrônica *Germina*.

KUBOTA, M. *Germina – literatura e arte*. Revista eletrônica. Nota de advertência à seção Eróticos e Pornográficos. Disponível em:

<http://www.germinaliteratura.com.br/advert_erot.htm>. Acesso em: 10 set. 2009.

MAIA, M. Em câmara ardente. In: KUBOTA, M. (Ed.). *Germina – literatura e arte*, 2006.

Disponível em: <http://www.germinaliteratura.com.br/erot_mar06_mm.htm>. Acesso em: 10 set. 2009.

MARCIAL, M.V. Epigrama XI, 43. In: PIGNATARI, D. (Org. e trad.). *31 poetas 214 poemas – do Rig-Veda e Safo a Apollinaire*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MARIA, C. Puta, por um segundo. In: KUBOTA, M. (Ed.). *Germina – literatura e arte*. 2006. Disponível em: <http://www.germinaliteratura.com.br/erot_mai06_mc.htm> Acesso em: 10 set. 2009.

MATTOSO, G. Soneto 642. In: PIETROFORTE, A. S.; MATTOSO, G. (Orgs.). *Antologia M(ai)S Sadomasoquista da literatura brasileira*. São Paulo: Annablume, 2008.

PAES, J. P. (Org. e trad.). *Poesia erótica em tradução*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

PIETROFORTE, A. S.; MATTOSO, G. (Orgs.). *Antologia M(ai)S Sadomasoquista da literatura brasileira*. São Paulo: Annablume, 2008.

PRADO, A. *Poesia reunida*. São Paulo: Siciliano, 2001.

PRETI, D. *A linguagem proibida – um estudo sobre a linguagem erótica*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1984.

STOLLER, R. J. *A excitação sexual – dinâmica da vida erótica*. Trad. Aydano Arruda. São Paulo: Ibrasa, 1981.

TÁPIA, M. Lágrima profunda. In: PIETROFORTE, A.S.; MATTOSO, G. (Orgs.). *Antologia M(ai)S sadomasoquista da literatura brasileira*. São Paulo: Annablume, 2008.

VERDAN, V. Soneto do Nhonhô. In: PIETROFORTE, A.S.; MATTOSO, G. (Orgs.). *Antologia M(ai)S sadomasoquista da literatura brasileira*. São Paulo: Annablume, 2008.

ZANELLO, V. *Xingamentos: entre a ofensa e a erótica*. Florianópolis, SC, 2008. IESB. Disponível em: <http://www.fazendogenero8.ufsc.br/sts/ST33/Valeska_Zanello_33.pdf>, acesso em: 10 set. 2009.